Universidades Lusíada

Valdeira, Sandra
Faria, Carina

Acolhimento terapêutico : o caminho

http://hdl.handle.net/11067/4618
https://doi.org/10.34628/7amv-4453

Metadados

Data de Publicação 2017

Resumo O acolhimento de crianças e jovens tem sido alvo de movimentos de melhoria contínua de forma a dar resposta às necessidades das crianças. Os motivos que levam ao acolhimento da maioria das crianças e jovens prendem-se sobretudo com situações de negligência grave, maus tratos ou abandono por parte dos cuidadores (inclusive dos progenitores) associados muitas vezes à adoção de comportamentos de risco também por parte das próprias crianças ou jovens. Tendo presente esta preocupação, a Casa Pia de...

The institutionalization of children and young people has been improved in the course of time in order to respond to the children needs. The reasons for the residential care for the majority of children and young people are mainly related to situations of negligence, maltreatment or abandonment by caregivers (including their parents), often associated with risk behaviors of children themselves. Having in mind this concern, Casa Pia de Lisboa is trying to follow a more direct intervention towar...

Palavras Chave Crianças em risco - Assistência em instituições, Psicoterapia do adolescente - Tratamento residencial, Psicoterapia Infantil - Tratamento residencial

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 08, n. 1 (Janeiro-Junho 2017)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T04:38:04Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

ACOLHIMENTO TERAPÊUTICO:
O CAMINHO

THERAPEUTIC RESIDENTIAL CARE:
THE WAY

Sandra Valdeira
Carina Faria
Casa Pia de Lisboa, I.P.

Resumo: O acolhimento de crianças e jovens tem sido alvo de movimentos de melhoria contínua de forma a dar resposta às necessidades das crianças.

Os motivos que levam ao acolhimento da maioria das crianças e jovens prendem-se sobretudo com situações de negligência grave, maus tratos ou abandono por parte dos cuidadores (inclusive dos progenitores) associados muitas vezes à adoção de comportamentos de risco também por parte das próprias crianças ou jovens. Tendo presente esta preocupação, a Casa Pia de Lisboa, tem procurado adotar uma intervenção mais dirigida às necessidades das crianças, objetivando uma transformação no paradigma do acolhimento, tornando cada vez mais um acolhimento terapêutico.

Desta forma, nos últimos anos, a CPL, tem utilizado diferentes metodologias, para pôr em prática um acolhimento mais terapêutico, que vão desde a produção de documentos, realização de sessões de reflexão e intervisão, integração de supervisão e formação, procurando mais recentemente, efetuar mudanças mesmo ao nível de procedimentos instituídos. As metodologias utilizadas têm tido sempre em conta a participação dos cuidadores.

Pretende-se nesta comunicação, apresentar o caminho que a Casa Pia de Lisboa tem percorrido na procura de um acolhimento terapêutico, bem como os desafios, as conquistas e o longo caminho ainda a percorrer.

Palavras-chave: Acolhimento residencial, Acolhimento terapêutico, Crianças e jovens, Cuidadores.

Summary: The institutionalization of children and young people has been improved in the course of time in order to respond to the children needs.

The reasons for the residential care for the majority of children and young people are mainly related to situations of negligence, maltreatment or abandonment by caregivers (including their parents), often associated with risk behaviors of children themselves. Having in mind this concern, Casa Pia de Lisboa is trying to follow a more direct intervention towards the children needs, in order to change the residential care paradigm, becoming more and more a therapeutic care.

Thus, in recent years, CPL has been using different methodologies in order to put into practice a more therapeutic approach, such as the production of new documentation, reflection and internal vision sessions, integration of supervision and training, even trying to change established procedures, always taking into account the caregiver's participation.

This communication intend to present the way that Casa Pia de Lisboa has been pursuing in the search of a therapeutic residential care, as well as the challenges, the achievements and the long way still to go.

Keywords: Residential care, Therapeutic care, Children and young People, caregiver's.

Enquadramento

A Casa Pia de Lisboa, I.P. (CPL), tem na sua missão, desde tempos idos, o acolhimento de crianças e jovens. Na sua génese, a CPL recebia órfãos e indigentes e durante dois séculos, acolheu crianças, muitas vezes em situação de precariedade económica frequentemente a pedido das próprias famílias, que confiavam à instituição os seus meninos e meninas, com a convicção de que a CPL faria a diferença nas suas vidas.

Em 1999, com a publicação da Lei de Promoção e Proteção, este paradigma alterou-se. Passaram a ser acolhidas apenas as crianças em situações de risco ou perigo, negligenciadas ou maltratadas. À medida que esta legislação foi amadurecendo, assistiu-se a uma aposta na manutenção das crianças no seu meio natural de vida, assumindo-se o acolhimento como a última alternativa.

Assim, a par de um contexto social de crise, as crianças e jovens foram chegando a esta casa, evidenciando marcas profundas a nível emocional. A consciência de que a satisfação das necessidades básicas (alimentação, segurança, casa e escola) deixa de ser suficiente para suprir as necessidades destas crianças e que a intervenção técnica e educativa tem de incluir um movimento de reparação interna, tem vindo a ganhar cada vez mais sentido.

Olhando para o exemplo de outros países e continentes e para algumas experiências portuguesas que começavam a ganhar vida, a CPL tomou a decisão de investir ainda mais na capacitação dos seus profissionais e na criação/adaptação de metodologias de intervenção, passando a promover formação mais especializada, com peritos na área do acolhimento, bem como supervisão e consultoria externa. Começou-se então a ouvir falar de acolhimento terapêutico e a reconhecer a importância de um acolhimento mais especializado, com enfoque na reparação emocional das crianças e jovens.

Uma das instituições que tem sido uma referência para a Casa Pia de Lisboa, é a Mulberry Bush School, em Inglaterra. Uma instituição residencial de última linha, para crianças com graves perturbações emocionais e do comportamento. Barbara Dockar-Drysdale, fundadora da Mulberry Bush, defende que as organizações de acolhimento de crianças, sobretudo as que trabalham com crianças severamente perturbadas emocionalmente, devem assumir como principal tarefa, as atividades de uma mãe que acolhe incondicionalmente nos seus braços o seu recém-nascido, em sentido metafórico (Santos, 2014). Mulberry Bush desenvolveu assim um ambiente terapêutico pioneiro, baseado na relação terapêutica vivida diariamente na residência, melhorando os comportamentos anti-sociais das crianças acolhidas (Diamond, 2008).

Também Menzies, referido por Santos (1995) acrescenta que uma organização de acolhimento de crianças deve promover condições de desenvolvimento saudável, que passam pela possibilidade das crianças de identificarem com

modelos relacionais apropriados, criando vinculações seguras. Os vínculos seguros, irão assim desempenhar um papel terapêutico, desmontando e reparando modelos de relação patológicos.

Tendo presente esta preocupação, a partir de 2009 verificou-se um empenho em desenvolver competências nos profissionais do acolhimento de forma a dar resposta adequada às fragilidades dos educandos. Foi feita nesse ano uma visita à Mulberry Bush School e foram desenvolvidas várias formações neste âmbito, com profissionais nacionais e internacionais com intervenção nesta matéria. Aplicou-se ainda um instrumento de avaliação das necessidades emocionais das crianças e jovens (*Boxall Profile*) das nossas casas de acolhimento, culminando todo este esforço na publicação de um documento intitulado "Acolhimento Terapêutico – Pistas de intervenção para profissionais", que se tornou numa referência para a CPL, estando ainda partilhando on-line. Este documento foi produzido por profissionais que trabalham no acolhimento (educadores, psicólogos e assistentes sociais), com o apoio de consultores externos (Labirintos Coloridos - Consultores), nascendo assim das mãos e das reflexões dos profissionais que na prática se deparam diariamente com as dificuldades das crianças e jovens, com o objetivo de potenciar práticas e de instituir um contexto terapêutico no acolhimento em geral.

Neste documento, definimos Acolhimento Terapêutico como "O acolhimento residencial de crianças e jovens que pretende ter um papel de gerar mudança interna, tanto ao nível emocional, como comportamental ou social. De certa forma, um acolhimento que tenha como ideia reparar os maus-tratos que lhes foram infligidos" (Matos, 2011).

Encontramo-nos assim perante uma realidade institucional em que os profissionais têm experiência de intervenção, formação e um modelo de intervenção assumido. Contudo, os desafios do quotidiano e a existência de poucos espaços de reflexão deixam muitas vezes as práticas terapêuticas no âmbito do bom senso, ficando a faltar a intencionalização das intervenções. Por outro lado, as dificuldades que surgem diariamente, as frustrações, as expetativas goradas, contribuem para que alguns profissionais se sintam exaustos.

Alguns estudos indicam que a satisfação dos profissionais, não se relaciona diretamente com o rendimento monetário (desde que assegurado um mínimo razoável), mas sim com a gratificação pessoal, a autonomia, a valorização e o relacionamento interpessoal. Por este prisma, acreditar numa metodologia, aplicá-la com consciência de que se está a fazer o melhor do mundo e ver resultados relacionados com expetativas realistas, poderá também contribuir para um clima institucional de "bem-estar", mais tranquilo e promotor de mudanças.

Contudo, o quotidiano dos profissionais que trabalham no acolhimento, é muitas vezes acelerado e imprevisto. Os cuidadores, na urgência de tudo fazer e assegurar todas as rotinas, não encontram muitas vezes o espaço temporal e

emocional, necessários à reflexão da intervenção.

Assim, no verão de 2015, foi constituído um grupo de trabalho com profissionais dos diversos serviços e casas de acolhimento da CPL, de forma a pôr em prática um projeto de acolhimento terapêutico. A primeira fase deste trabalho foi de estudo, reflexão e desenho de intervenção. Discutiram-se conceitos, metodologias, partilharam-se experiências, anteciparam-se riscos e identificamos constrangimentos. Depois partimos para o terreno.

Metodologia (Fase 1 - 2015/2016)

- Seleção das Casas de Acolhimento (CA): Numa primeira fase foram selecionadas duas Casas de Acolhimento para integrarem este projeto. Esta seleção teve por base alguns critérios, nomeadamente: estabilidade da equipa, supervisor externo comum e equipa técnica envolvida no grupo de trabalho inicial.

- Planeamento de Sessões: As sessões foram dinamizadas por técnicas da Unidade de Ação Social e Acolhimento (UASA)/Serviços Centrais, sendo sempre realizadas nas Casa de Acolhimento. Pretendia-se que as mesmas contassem com o maior número possível de profissionais (Equipa Técnica – Assistente Social e Psicólogo e Educadores – maioritariamente técnicos superiores) com uma periodicidade quinzenal.

Por forma a garantir uma maior participação de todos os cuidadores, as sessões foram agendadas nos dias em que já estava prevista realização de reunião de equipa, ocorrendo antes dessas reuniões.

Estas sessões consistiram sobretudo num espaço de reflexão, em que se analisaram casos e se fizeram dinâmicas de grupo, de forma a imprimir nas práticas já instituídas atitudes cada vez mais terapêuticas. Na base destas sessões esteve o documento do Acolhimento Terapêutico ao qual juntámos o paradigma da Psicologia Positiva e a metodologia de Dinâmicas de Grupo.

- Sessões Alargadas: Paralelamente às sessões em cada CA, foram sendo realizadas sessões de avaliação, planeamento e partilha do trabalho desenvolvido, as quais contavam com a participação do grupo de trabalho inicial e dos cuidadores das CA envolvidas. Estas sessões foram dinamizadas não só pelas técnicas dos Serviços Centrais, mas também pelos colegas que desenvolvem a sua atividade nas CA.

- Estratégias Complementares: Paralelamente ao desenvolvimento das sessões as equipas mantiveram supervisão quinzenal e beneficiaram de formação neste âmbito, nomeadamente: Curso de Capacitação para Resposta a Situações de Crise – Pressley Ridge; Acolhimento Terapêutico: Garantindo ambientes facilitadores e de prestação de cuidados de elevada qualidade em acolhimento residencial – ISS/

Richard Rolinson; Workshop: Life Story Work with Troubled Children and Young People – Projeto Spin/Richard Rose, entre outros encontros tais como: Fórum Gondomar Social – Acolhimento Terapêutico de Crianças e Jovens, II Jornadas de Acolhimento Residencial no Alentejo, Acolhimento de Jovens em Instituição: Proteger, Prevenir e Capacitar, os quais contaram com comunicadores com vasta experiência em acolhimento terapêutico nacionais e internacionais, salientando-se Richard Rollinson, Patrick Tomlinson, Richard Rose, entre outros.

Metodologia (Fase 2 - 2016/2017)

Em 2016/2017 foram selecionadas mais duas Casas de Acolhimento para integrar o projeto, de forma a ir alargando esta metodologia a todas as Unidades de Acolhimento da CPL.

Encontram-se assim a ser replicadas/adaptadas a mais duas CA, as sessões desenvolvidas em 2015/2016 mantendo-se também as sessões alargadas.

Nas CA que iniciaram este trabalho em 2015/2016 mantêm-se as sessões de trabalho, mas neste período com um novo objetivo, pretendendo-se agora potenciar e introduzir alterações às páticas instituídas, com impacto na gestão por processos da CPL.

Implementação/Resultados (1ª Fase – 2015/2016)

Apresentamos de seguida as Sessões realizadas nas Casas de Acolhimento (denominadas por 1 e 2) entre setembro de 2015 e junho de 2016:

Tabela 1 – Sessões de Acolhimento Terapêutico realizadas na Casa de Acolhimento 1

Casa de Acolhimento 1 (12 educandos)		
Sessão	Objetivos/Conteúdos	N.º Participantes
1	Apresentação do Projeto Acolhimento Terapêutico	6
2	Definição de instrumentos de caracterização do grupo de crianças e cuidadores da CA	6
3	Caracterização do grupo de crianças e cuidadores da CA	3
4		5
5		5
6		3
7		3

8	Tema: O que é o Acolhimento Terapêutico Realização de dinâmicas de grupo e estudo de caso.	5
9	Vinculação: Dinâmica de grupo com o objetivo de refletir sobre uma vinculação segura em diferentes idades, em diferentes famílias e no acolhimento de hoje e de antigamente. Dinâmica de grupo sobre Rotinas (Relógio).	5
10	Reflexão relativamente à Formação "Capacidade de Resposta na Intervenção da Crise": Avaliação, integração de conteúdos na prática e ligação com o Acolhimento Terapêutico.	5
11	Apresentação do Projeto Acolhimento terapêutico a educador recém-chegado à Casa.	2
12	Educador de Referência: Dinâmica de grupo sobre o papel do educador de referência, as suas funções na relação com a criança e restante equipa, gestão de emoções e relação com vinculação.	4
13	Trabalho História Vida: aplicabilidade. Linguagem Terapêutica: dinâmicas de comunicação, instrumentos e ligação à formação "Intervenção na Crise".	5
14	Apoio e suporte à equipa: Quebra-gelo e dinâmica de grupo – dilema de equipa	5
15	Sessão Final: Síntese de sessões e aplicação dos conteúdos a um caso apresentado pelas dinamizadoras.	3

Tabela 2 – Sessões de Acolhimento Terapêutico realizadas na Casa de Acolhimento 2

Casa de Acolhimento 2 (13 educandos)

Sessão	Objetivos/Conteúdos	N.º Participantes
1	Apresentação do Projeto Acolhimento Terapêutico	8
2	Definição de instrumentos de caracterização do grupo de crianças e cuidadores da CA	5
3	Caracterização do grupo de crianças e cuidadores da CA	5
4	Tema: O que é o Acolhimento Terapêutico Realização de dinâmicas de grupo e estudo de caso.	6
5	Vinculação: Dinâmica de grupo com o objetivo de refletir sobre uma vinculação segura em diferentes idades, em diferentes famílias e no acolhimento de hoje e de antigamente. Dinâmica de grupo sobre Rotinas (Relógio).	5
6	Reflexão relativamente à Formação "Capacidade de Resposta na Intervenção da Crise": Avaliação, integração de conteúdos na prática e ligação com o Acolhimento Terapêutico.	7
7	Educador de Referência: Dinâmica de grupo sobre o papel do educador de referência, as suas funções na relação com a criança e restante equipa, gestão de emoções e relação com vinculação.	4

8	Trabalho História Vida: aplicabilidade. Linguagem Terapêutica: dinâmicas de comunicação, instrumentos e ligação à formação "Intervenção na Crise".	7
9	Apoio e suporte à equipa: Quebra-gelo e dinâmica de grupo – dilema de equipa	7
10	Sessão Final: Síntese de sessões e aplicação dos conteúdos a um caso apresentado pelas dinamizadoras.	6

As sessões alargadas decorreram de acordo com a seguinte tabela:

Tabela 3 – Sessões de Acolhimento Terapêutico Alargadas

Sessões Alargadas		
Sessão	Objetivos/Conteúdos	N.º Participantes
1	Planificar e organizar o desenvolvimento do projeto	8
2	Refletir/Discutir os principais aspetos a potenciar nas CA e os constrangimentos ao desenvolvimento do Acolhimento Terapêutico	11
3	Refletir/Debater sobre o desenvolvimento do Acolhimento Terapêutico na CPL tendo por base o modelo de intervenção de Mulberry Bush Organization	9
4	Refletir/Debater sobre o desenvolvimento do Acolhimento Terapêutico na CPL tendo por base narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização	9
5	Apresentar o conteúdo das comunicações do Encontro Acolhimento Terapêutico de crianças e jovens – Gondomar Social, no qual esteve presente a UASA.	8
	Organizar/Planear as sessões a desenvolver nas CA	
6	Continuar a organização/planeamento das sessões a desenvolver nas CA	7
7	Continuar a organização/planeamento das sessões a desenvolver nas CA identificando riscos e estratégias para colmatar os mesmos	7
8	Apresentar o ponto de situação do trabalho desenvolvido nas sessões realizadas nas CA	7
9	Apresentar a caracterização das CA (crianças e cuidadores) e realizar a avaliação intermédia do Projeto tendo como base a dinâmica Análise SWOT	6
10	Avaliar a Formação: "Capacidade de resposta para a intervenção na crise", Evolução do projeto.	6
Ext	Sessão extraordinária: O Trabalho de História de Vida, com as convidadas Margarida Marques e Fernanda Barros (Projeto SPIN)	19
11	Participar na elaboração da Newsletter Junho – Acolhimento Terapêutico	9

A intervenção nas Casas de Acolhimento, tal como se observa nas tabelas, centrou-se inicialmente na caraterização das próprias casas, ou seja, na caraterização das crianças e dos jovens, por parte dos cuidadores; bem como na caraterização dos adultos, por parte dos próprios. Em ambas as situações, este trabalho de caracterização foi realizado através do preenchimento de uma grelha de caraterização específica para cada um dos intervenientes das CA, educandos e cuidadores.

Este trabalho teve por objetivo, percecionar de forma o mais imparcial possível, as necessidades e potencialidades do grupo de crianças e jovens das CA, bem como dos cuidadores, permitindo assim uma reflexão face à intervenção, procurando introduzir ou potenciar os princípios inerentes ao acolhimento terapêutico.

Ao longo deste processo, foi possível um olhar mais focado em cada um dos educandos e sobre o próprio grupo de cada uma das CA. Contudo, enquanto na CA 2, cada Educador de Referência preencheu a Grelha de Caracterização relativa aos seus educandos, sendo posteriormente estes dados trabalhados pelas técnicas da UASA/Serviços Centrais e devolvidos à equipa; na CA 1, este trabalho foi realizado ao longo das sessões e partilhado pelos cuidadores presentes nas mesmas, os quais refletiram sobre cada uma das crianças e jovens em conjunto, procurando assim proceder a uma análise compreensiva e individualizada relativamente aos comportamentos de cada um dos educandos. A súmula dos dados provenientes deste trabalho foi igualmente realizada pela UASA/Serviços Centrais. Para a concretização desta metodologia, esta CA propôs a realização de mais sessões do que estava inicialmente estipulado, de forma a ser possível caracterizar todos os educandos em momento de sessão e em equipa.

Após esta fase de conhecimento das CA, passou-se para um trabalho mais detalhado sobre o Documento *Acolhimento terapêutico: Pistas de Intervenção para Profissionais,* dedicando uma sessão a cada Capítulo. As sessões foram planeadas e dinamizadas pela UASA, com o objetivo de refletir acerca da importância/necessidade de introduzir mudanças, ou potenciar boas práticas nas CA tendo em vista os princípios do Acolhimento Terapêutico.

Paralelamente a este trabalho sistemático mantiveram-se as reuniões com o grupo alargado, que têm permitido ir ajustando o desenho deste projeto, de forma a garantir que o mesmo vá ao encontro das necessidades das CA.

Uma avaliação intermédia foi realizada em reunião alargada através de uma dinâmica de grupo que culminou numa análise SWOT, representada em baixo:

Tabela 4 – Análise SWOT

Recursos Internos	**Pontos Fortes**	**Pontos Fracos**
	Partilha experiências, opiniões e informações;	Fraca assiduidade dos participantes;
	Competências dos Profissionais;	Dificuldade ao nível da disponibilidade;
	Repensar;	Desmotivação;
	Capacidade de reagir à frustração	Resistência provocada pelo desgaste
Recursos Externos	**Oportunidades**	**Ameaças**
	Construir um referencial comum ao acolhimento;	Disponibilidade dos profissionais;
		Dificuldade da equipa estar presente em todos os momentos;
	Melhorar a oferta ao nível do acolhimento;	Impossibilidade de reunir grande parte da equipa nas sessões, colocando-se em diferentes patamares;
	Espaço de reflexão que possibilita gerar mudança;	Fatores de contexto desfavoráveis;
		Sair da zona de conforto;
	Crescimento pessoal e profissional	Falta de adesão por parte de alguns colaboradores.

No geral, as sessões decorreram de forma positiva, com envolvimento e participação nas dinâmicas propostas. Por vezes os profissionais referiram tratar-se de um bom espaço para reflexão.

As sessões permitiram também refletir sobre práticas positivas, adotando uma análise compreensiva face aos comportamentos e atitudes dos educandos, centrada nas suas histórias de vida.

Ao longo desta intervenção registaram-se algumas dificuldades em compatibilizar horários e garantir a presença de todos os profissionais nas sessões, sobretudo em momentos de maior desgaste emocional dos cuidadores, o que se traduz numa maior dificuldade na partilha e reflexão em torno da intervenção.

Conclusões

Falar de acolhimento terapêutico, é falar de mudança interna emocional, comportamental e social das crianças e jovens acolhidas, com vista à reparação dos maus tratos que lhes foram perpetuados. É dar significado a cada comportamento de cada educando, agindo sobre o que está por trás desse comportamento.

Esta é pois uma tarefa árdua, para a qual é necessário um grande investimento por parte dos cuidadores diretos.

A metodologia de trabalho que expusemos permitiu de alguma forma apoiar os cuidadores na sua prática diária, sentindo-se como potencialidades desde trabalho ainda em desenvolvimento:

As sessões tornaram-se um "momento para parar, e pensar", sobretudo em sessões em que a CA estava a viver um momento de crise, permitindo olhar para os comportamentos cada criança/jovem, dando-lhe um significado e entendendo-o como um sintoma;

As sessões têm contribuído para providenciar algum suporte emocional, contribuindo para a prevenção de burnout, uma vez que a existência de uma rede de suporte pode ser um fator inibidor de aparecimento de burnout, tal como a existência de reuniões de equipa regulares em que exista uma comunicação efetiva e uma partilha real de problemas e dificuldades (Tecedeiro, 2014).

Através deste trabalho tem sido possível interligar os diversos elementos imprescindíveis quando se trabalha em acolhimento residencial: formação, supervisão e acompanhamento técnico.

Ao longo das sessões vão sendo visíveis alguns movimentos no sentido de alterar práticas com reflexo nas vivências do dia-a-dia da casa;

Presentemente encontramo-nos a trabalhar para definir um modelo de intervenção que consubstancie os conteúdos mais teóricos que têm vindo a ser abordados, nas práticas diárias da casa, evoluindo de um manual teórico para um manual de procedimentos e práticas adequadas a uma atitude mais terapêutica dos cuidadores.

Contudo, este tem sido também um trabalho multidesafiante na medida em que as dificuldades inerentes ao trabalho com crianças e jovens em acolhimento encerram em si muitas vezes barreiras à intervenção mais terapêutica.

Uma das estratégias que poderia potenciar este trabalho seria a possibilidade de todos os educadores estarem sempre em todas as sessões, o que raramente foi possível. Desta forma mais facilmente seria garantida a continuidade deste trabalho.

Também as difíceis histórias de vida de muitas das crianças acolhidas são por vezes demasiado dolorosas, obrigando a um grande esforço dos adultos para devolver sentimentos controversos de forma organizada, optando muitas vezes por uma atitude de negação, como forma de defesa. A par destas defesas

encontramos ainda o desgaste de alguns profissionais devido a vários anos de trabalho em acolhimento residencial e o confronto entre alguns constructos teóricos e os padrões culturais e os modelos educativos de cada pessoa.

Apesar das dificuldades, acreditamos que este é um caminho, ou melhor, o caminho que que a Casa Pia de Lisboa, tem para percorrer no sentido de responder cada vez melhor às necessidades emocionais das crianças e jovens.

Referências

Diamond, J. (2008), The Mulberry Bush as a Therapeutic Community: bringing love and hate together. Conferência apresentada na Conferência Internacional sobre Democracia e Educação em Jerusalém, Maio de 2008.

Matos, B. et al (2011), *Acolhimento Terapêutico: Pistas de Intervenção para Profissionais*, Lisboa: Casa Pia de Lisboa.

Mendes, T.S. & Santos, P.V. orgs. (2014). *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo*, Lisboa: Climepsi Editores.

Tecedeiro, M. (2011), O burnout em instituições de acolhimento de crianças, in T. S. Mendes e P. V. Santos, *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo*, Lisboa: Climepsi Editores.